

Deponente: Maria Diva Maxacali.

Entrevistadores: Marco Túlio Antunes Gomes.

Data: 8 de junho de 2017.

MARCO TÚLIO: A senhora pode começar falando um pouco da época que a senhora lembra, ou do SPI, a senhora chegou a pegar essa época um pouco?

MARIA DIVA MAXAKALI: Não, nó SP a gente era criança, né. Não alembra assim na época do (trecho incompreensível) não. A gente conheceu quem era do SPI, né.

MARCO TÚLIO: Uhum. Mas e da época do Pinheiro? A senhora já lembra?

MARIA DIVA MAXAKALI: Da época de Pinheiro a gente alembra porque a gente já era criança mas era...

MARCO TÚLIO: Maiorzinho.

MARIA DIVA MAXAKALI: ...maior, é, grandinho. Aí como...

MARCO TÚLIO: Como que era essa época? Como que eles chegaram aqui? A senhora lembra? Ou como que era o tratamento deles com o Tozim, com os índios.

MARIA DIVA MAXAKALI: Quando eu alembro, nós morava naquela região de lá, naquela (trecho incompreensível) assim, a gente morava assim pra baixo, a gente tinha casa lá e aldeia era pra cá, a aldeia (trecho incompreensível) aí a aldeia era aqui, mais pra aqui essa região aqui e a gente morava pra lá.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Lá onde tem aquela jaqueira, que tem aquelas casas, a gente morava mais pra baixo, que meu pai era cacique, né, e o sobrinho dele era vice cacique (trecho incompreensível) de Gilmar. Aí quando Pinheiro veio, aí Pinheiro veio com surpresa, né? Aí chegaram à tarde, tô lembrada, era bem a tardinha que a gente tava brincando, já grandinha, aí meu pai chegou e falou assim: “chegou a polícia”, né. Aí os índio começou a esconder, né. Mas que tava mais pra cá, todo mundo depois, começou a reunir os índio, era Juquinha ainda, Juquinha ajudou a reunir o índio, que não era briga, eles veio por causa de problema, né. Tinha gente morando na região aqui, né. A aldeia era... A lei que ele fez também, mas a lei ele deu uma melhorada, mas também prejudicou muito, né? Que tirou o pessoal que tava aqui nas área de extrema, já tinha dividido, né, tinha gado do fazendeiro,

tinha casa... Aí ele começou a expulsar esse povo né, dentro da aldeia. Naquela região da escola ali era morada de fazendeiro, lá pra aquele lado ali, pra lá, era fazendeiro, ele tirou tudo! Tinha casa, casona, aí os índio foi mais chegando né, pra cá pra praça... Aí tinha aldeia lá na entrada assim, lá pra aquele lado era mato ainda, aí eles veio tudo pra fora. Aí ele começou a trabalhar com os índio e aí ele pegou até gente de fora, veio pra cá, aquela região do Mato Grosso, Bananal, pegava aquele região pra lá e trazia pra cá. Aí colocava pra trabalhar, aí também foi pegando os indígena, saía, levava pra Belo Horizonte, aí quando voltou já voltou enfardado, né. Aí foi assim, né. Aí Pinheiro naquela, aí o pessoal trabalhava, colocava pra trabalhar e na mesma colocava pra trabalhar, pegava (trecho incompreensível), e foi levando assim a discriminação. E (trecho incompreensível) foi discriminando, levava pra (trecho incompreensível), aí o índio fugia, vinha embora, aí até nós que era criança, a gente foi pra lá, né. Que meu pai era cacique, aí ele falou assim que ia levar meu pai pra lá pra pesquisar os índio que era errado, né. Aí levou nós pra lá e nesse ponto eles pegaram os índios, pegaram eles, acho que amarraram, aí começou a brigar com eles também, pegou faca deles, revólver, fez briga! Só que aí aconteceu assim, aí nós voltamos, nós voltamos de volta, meu pai falou: “nós vamos embora, nós vamos andando”, a gente veio, até que chegou aqui de volta. Aí a gente não voltou mais não. Aí falou assim: “cês vai, pra tornar, cês vem à pé”, falou com meu pai, “aí cês vai e depois vai outra, vai o carro pra pegar ocês (trecho incompreensível) pra trazer ocês”, aí nós voltamo de novo! Aí ficou lá uns tempo, aí eles mandou trazer nós de carro. Aí quando chegou já tinha matado gente, uns índio fardado, aí qualquer coisa que fazia mandava pegar. Foi assim a discriminação.

MARCO TÚLIO: E aí vocês moraram no Krenak um tempo?

MARIA DIVA MAXAKALI: Nós moramo no Krenak um tempo. Aí a gente, a gente já era grandinho já, entende tudo que fizemo. Aí a gente veio, aí a gente veio a pé, que meu pai fugiu com nós, né. Só que meu pai era muito inteligente, ele chegava num lugar e falava: “sou cacique” e tudo, começava (trecho incompreensível) a gente vinha até chegou em (trecho incompreensível), aí a gente acabou de chegar pra cá, aí mandou trazer nós. Aí nós veio e ficou na sede, que ali era uma sediona também (trecho incompreensível) aqui era uma sede grande.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Aí nós ficamo, aí mandou nós de volta. “Ah, ocês vai pra gente mandar buscar ocês”, aí mandou trazer a gente. (trecho incompreensível) Só que nesse

ponto ficou um tempo aí, né, discriminava, levava o índio pra (trecho incompreensível) deixava lá pra trabalhar, aí acho que perdia a noite, acho que jogava na água, pelo que eles conta. Aí quando chegou aqui, chegou (trecho incompreensível) morreu. Ele chamava Gero, e o outro chamava Jaime, o outro.

MARCO TÚLIO: Esse Jaime, ele foi também pro Krenak?

MARIA DIVA MAXAKALI: Foi, Jaime foi, chamava Jaime (trecho incompreensível) chegou já arreventado, aí ficou uns tempos (trecho incompreensível) e começou a vomitar sangue. Aí ele morreu. Aí os fardado ficou. Qualquer coisinha era pra prender, né.

MARCO TÚLIO: Prendia aqui?

MARIA DIVA MAXAKALI: Prendia aqui, aí soltava, dois dia, três dia soltava. Aí foi levando assim. Aí também já, a gente já era mais de ano, a gente cresceu mais um pouco, aí chegaram o pessoal muito gente que já trouxe lá de fora, trouxe gente de Mato Grosso, trouxe gente de Bananal, trouxe gente de (trecho incompreensível) veio um bocado de gente que ficou um tempo aí. Aí levaram de volta, preso né, os policial índio que trouxe. Aí foi assim, né. Aí minha mãe, aí pegou minha mãe pra cozinhar, “ah, não pode cozinhar outra pessoa, a gente vai colocar a senhora”, falou pra mãe, “pra cozinhar, e (trecho incompreensível)”, só que naquele ponto a gente enxergava que era discriminação, né.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Aí uma vez, aí fez uma reunião, reunião todo mundo, mas era pra pegar a gente naquele meio, né. E foi uma bagunçada, eu tô alembrada até hoje, porque a gente alembra tudo. Aí minha mãe tava cozinhando assim, aí chegou aqueles policial de surpresa, aí pegou Carmino , pegou Totonho, mas foi de pronto pra levar eles pra ser polícia, né. Que assim, pra eles ir mesmo, não ia! Aí chegaram tudo fardado. Quem tinha mulher ficou fora uns dias, uns tempo. Aí foi assim. Foi muita coisa, né. Muita coisa aconteceu. Só que nesse ponto o fazendeiro também já tava, se não fosse também que ele fez ruim e fez muita coisa de tirar o fazendeiro, hoje o índio eu acho que já não tinha mais índio, não!

MARCO TÚLIO: Então pelo menos isso foi bom, né?

MARIA DIVA MAXAKALI: É, pelo menos isso ele fez. Tirou todo mundo, ali onde tá a escola Margarida era fazenda, fazenda (trecho incompreensível). Só que deu outra terra pra eles, lá pra aquele lado de lá.

MARCO TÚLIO: Ah, o pai dele era fazendeiro também.

MARIA DIVA MAXAKALI: Sim, aí tirou todo mundo. Um bocado de vaqueiro, mandou embora. Gado, tirou gado, tirou, tava cheio de gado. Aí foi assim. Aí eles fez muita coisa também, era roça, plantio de roça, feijão, cana, mas outra parte foi discriminar, né.

MARCO TÚLIO: Sim.

MARIA DIVA MAXAKALI: Outra parte foi ruim.

MARCO TÚLIO: E a senhora lembra de caso de fazendeiro que matou índio?

MARIA DIVA MAXAKALI: Que aconteceu mais de fazendeiro matou índio foi lá de (trecho incompreensível) né. Aqui aconteceu também um sobrinho meu. Tava (trecho incompreensível) quando achou, achou ele com três dia. Foi morto também por fazendeiro. Ele chamava (trecho incompreensível)

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: (trecho incompreensível)

MARCO TÚLIO: Não. Eu queria ir, mas o problema é que eu acho que o estado não tem recurso pra...

MARIA DIVA MAXAKALI: Ah!

MARCO TÚLIO: Mas é porque lá tem o Totó, tem a Suely, acho que ia ser bom também.

MARIA DIVA MAXAKALI: É, que tem a Sueli, ela talvez ela, porque não é na época dela.

MARCO TÚLIO: É mais nova um pouquinho.

MARIA DIVA MAXAKALI: Era mais, criança. Não era nem criança ainda! Não tinha Sueli, não tinha (trecho incompreensível), não tinha minhas menina. Era a gente que ainda tem lembrança ainda. Zé, meu irmão.

MARCO TÚLIO: É, nele eu fui lá agora.

MARIA DIVA MAXAKALI: Gilmar nessa época também tem lembrança. A gente (trecho incompreensível) assisti tudo. Uma vez mãe tava cozinhando, chegou assim bateu todo mundo assim, foi aquela gritada. E as mulher foi de pau assim, e jogava assim, querendo brigar com as polícia. Aí as mulheres deles, quando veio já veio fardado.

MARCO TÚLIO: E como que esses índios que voltavam fardado tratavam os outros índios?

MARIA DIVA MAXAKALI: Não, aí eles fazia alguma coisa quando mandava, né. Que tinha também polícia lá dentro que mandava, né. Às vezes era o sargento, às vezes era o sargento mandava porque o coronel mandava. Aí quando aconteceu ir embora, Marco Túlio, foi assim, aquela aldeia, que nem eu tô falando...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: (trecho incompreensível)

MARIA DIVA MAXAKALI: Pois é, aí ia fazer alguma coisinha de nada, aí pegava.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Prendia dois, três, soltava. Tinha uma casinha, uma casa antiga, e assim embaixo era porão, assim, aquelas casa antiga tinha debaixo assim, aí prendia lá dentro. Era branco, também às vezes vendia cachaça pro índio, levava preso também. Era tanta coisa que fazia! Aí uma vez desrespeitou meu pai, né? Aí meu pai falou assim: “um dia eu ainda vou mandar essas polícia embora tudo”, aí teve uma briga, meu pai foi mais o vice cacique, aí chegou lá eles tinha pegado o sobrinho dele, doente, esse que eu tô falando com problema lá de família. Aí meu pai foi, pegou e pegou a (trecho incompreensível) e falou: “eu vou mandar ocês embora”, aí meu pai foi lá na sede assim, conversou com o sargento, todo mundo ficou bravo. Aí quando foi no outro dia, aí já veio o coronel falando (trecho incompreensível) “vocês vão ter que ir embora”, aí mandou todo mundo embora. Aí ficou as polícia indígena, aí veio a ordem e tirou as farda tudo também. (trecho incompreensível) aí era as coisas também foi assim, né.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Tinha coisa ruim e coisa, o lado bom e o lado ruim, né.

MARCO TÚLIO: Isso.

MARIA DIVA MAXAKALI: Aí discriminava, e tinha coisa que fazia bom e coisa ruim.

MARCO TÚLIO: Uhum. Não, tá certo. E hoje a senhora acha que falta o quê para os Maxakali?

MARIA DIVA MAXAKALI: Falta muito, viu! A gente tá indo na polícia, (trecho incompreensível) a gente tá aí porque, que a Deus tem alguma marcação de a gente está aí, mas sempre hoje

mudou, tá certo, mudou muita coisa! Hoje a gente tem escola, a gente tem a saúde, hoje a gente tá no meio da política...

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Mas tem muitas coisa que a gente tá vendo que nós, Maxakali, tem que desenvolver, porque hoje a gente, quando Pinheiro veio ainda tinha pouco, pouquinho mata. Isso aí tudo era mata ainda, né. Mas hoje acabou!

MARCO TÚLIO: Por que que acabou?

MARIA DIVA MAXAKALI: Era pra aquele lado ali, quando veio, veio queimando, veio queimando, parece que pra lá (trecho incompreensível) pra não queimar e tudo. E hoje falta caça, falta as coisa pra fazer pra natureza, que é os canto, os guerreiro. Hoje falta muita coisa. Não tem mais pesca! Cê vai no rio e não tem nada! Nem hoje as criança tudo doente, porque hoje, hoje quando a doença vem não acha mato pra (trecho incompreensível) as doença, né, o ar! Hoje a doença já tá todo mundo adoecer. E hoje a gente quer ser quem a gente cobra. Hoje o índio tem que desenvolver! Hoje a gente fala assim: “a gente tá cansado”, que eu sou veinha de luta, né. Que eu era, que eu comecei minha carreira, hoje eu falo assim: “passou, não volta mais”.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Hoje nós tem que buscar coisa nova, mostrar coisa nova pro governo, ter mais apoio. Hoje a gente tem a prefeitura, tem escola, tem a Funai com (trecho incompreensível) tem que estruturar ela lá em cima, Brasília tem que dar mais apoio pra tá mantendo, né? Como que a gente vai viver, a segurança que fala é a Funai, né. Tá muito fraca. O índio hoje não tem a caça, não tem a pesca, não tem as natureza. Hoje o índio tá vivendo um trabalhozinho como esse da roça, muito pouco. Não tem desenvolvimento, né? Que tem quer roça pra desenvolver, né, desenvolver nós, Maxakali, pra fazer os ritual, hoje tá muito difícil.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Sempre eu penso na minha família, penso em todo mundo. A gente quer desenvolver. Hoje (trecho incompreensível) tava lá fora, todo mundo tem que reunir, fazer parceria e cuidar dos índios Maxakali, mais uma força, mais um apoio melhor, né?

MARCO TÚLIO: Sim.

MARIA DIVA MAXAKALI: Hoje a gente quase não tem apoio não, só tá com a saúde, a Funai já tá fraca, nós tamo no meio da polítifca, mas sabe, a condição da política como que é!

MARCO TÚLIO: Aham.

MARIA DIVA MAXAKALI: A gente tem que chegar mais perto também pra gente mostrar o direito de ter respeito, ser uma parceria boa com a prefeitura. A gente tá aí, mas a gente não tem uma secretaria, a gente tá lutando pra ter, pra gente resolver alguma coisa lá dentro, né?

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Aí a gente tá correndo atrás. E mas mais, mas mais é isso que a gente tá cobrando, né? É parceria e desenvolvimento.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Com o índio. Hoje a escola na língua, a gente tá querendo mais força pra segurar mais, né? Hoje é nós, hoje é Marco Túlio, mas o Marco Túlio vai deixar uma história que se buscou e deixou o índio, né, a carreira do índio tá crescendo.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Maxakali cresceu muito, muito, muito mesmo! Hoje não tem nem lugar mais pra mudar, acomodar, hoje não tem as mudanças que o lugar hoje é pequeno, não tem onde é que muda! Que o Maxakali era mudar, vamos pro canto, sempre falava assim: “Ah, o Maxakali muda muito”, mas era a natureza ali. Eles morava pra esses lado de Bahia, da praia, toda essa região Maxakali já morou. Meu pai conta, meu pai conta que ele já mudou pra lá, aí ficaram pra lá e teve muita doença, sarampo, era aquela doença que faz tossir, tossir... Aí eles mudaram, veio tudo pra cá de novo. Mas essa aí que eu tô falando, foi, fez bom, mas discriminou muito também.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Muito, muito mesmo! Eu até tenho uns livrinho lá em casa, das história ainda. Mas só que eu não sei onde é que tá. Tenho (trecho incompreensível) também, uma história que uma irmã fez e passou pra toda liderança. Por causa da liderança, passou as história, como foi primeiro, tudo. E aí fez o livro, aí Adilson falou assim (trecho incompreensível) “oh Diva, eu vou levar esse livro pra ler um bocado” (trecho incompreensível), acho que tá lá. Mas foi muito assim, muito discriminado. Muito discriminado. Sempre... Tinha o finado Quelezinho, foi (trecho incompreensível). Finado Quelezinho (trecho incompreensível) doutor, morreu tudo ali. Depois os que ficou, só (trecho incompreensível).

MARCO TÚLIO: E Carmino também.

MARIA DIVA MAXAKALI: E Carmino. Talvez eles falou alguma coisa, né? Carmino.

MARCO TÚLIO: Falou, eu fui lá.

MARIA DIVA MAXAKALI: Ele só é cego, mas ele conta tudo.

MARCO TÚLIO: É, ele contou um monte de coisa.

MARIA DIVA MAXAKALI: Monte de coisa. (trecho incompreensível) também fala.

MARCO TÚLIO: E deixa eu perguntar uma coisa pra senhora, a senhora tava falando que os Maxakali foram muito discriminados, hoje como que é a relação dos Maxakali com o pessoal da cidade? É boa? Ou a senhora acha que ainda tem um pouco de discriminação?

MARIA DIVA MAXAKALI: Tem discriminação, né. Porque o índio que não pode beber, aí vende a bebida.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: Faz aqueles negócio que não dá certo. O negócio do, às vezes pega um dinheiro e ali explora o índio. Tem muita discriminação, sim.

MARCO TÚLIO: Uhum. Então tá certo. Mas eu não vou atrapalhar mais a senhora não, que eu sei que tá forçando a garganta também.

MARIA DIVA MAXAKALI: Não, mas não tem nada não! Eu tava esperando vocês mesmo. Pode ficar à vontade.

MARCO TÚLIO: Eu agradeço. Não, tá tranquilo. Agradeço muito a senhora. Se a senhora, tem mais alguma coisa pra contar? Pra comentar?

MARIA DIVA MAXAKALI: Aí eu tava querendo colocar isso assim, né. Porque a gente tem que ter muito mais apoio, sabe?

MARCO TÚLIO: Sim.

MARIA DIVA MAXAKALI: Não tem apoio, não. Sendo trabalho nosso, das escolas, saúde, da Funaizinha, mas ter outro apoio, assim, pra dar mais ajuda, fazer pesquisa, fazer pesquisa Funai, fazer pesquisa saúde, como que a saúde tá boa.

MARCO TÚLIO: Sim. Esse trabalho nosso, é como eu expliquei pra senhora, a gente não tem poder de falar pro estado o que ele vai fazer.

MARIA DIVA MAXAKALI: Uhum, eu sei.

MARCO TÚLIO: Falar: “olha, naquela época teve isso, então você tem que fazer”, não, a gente não pode fazer isso. Mas é uma coisa, assim, que começou no governo da Dilma, que fez, fez a Comissão Nacional da Verdade, aí eles investigaram os crimes. Mas não tanto dos índios.

MARIA DIVA MAXAKALI: Dos índios.

MARCO TÚLIO: Aí hoje, a Comissão, que é estadual, que é do governo de Minas...

MARIA DIVA MAXAKALI: Aham.

MARCO TÚLIO: ...começou no governo do Anastasia, aí a gente tá fazendo esse trabalho, vai encerrar esse ano, a gente vai escrever um relatório. Aí tem várias outras coisas, a gente tá pesquisando como que a ditadura perseguiu os padres, como que a ditadura perseguiu os estudantes, é muita coisa, né?

MARIA DIVA MAXAKALI: Aham.

MARCO TÚLIO: Aí a nossa subcomissão, que eu faço parte, é em relação aos indígenas em Minas.

MARIA DIVA MAXAKALI: Ah, de Minas.

MARCO TÚLIO: Aí a gente vai escrever um relatório e no final do relatório a gente recomenda o estado a tomar algumas providências em relação ao que a gente viu.

MARIA DIVA MAXAKALI: É.

MARCO TÚLIO: A gente vai apresentar esse documento pro governador.

MARIA DIVA MAXAKALI: Governador.

MARCO TÚLIO: Então, assim, eu acho que se não trazer retorno, pelo menos traz conhecimento do que aconteceu.

MARIA DIVA MAXAKALI: Conhecimento.

MARCO TÚLIO: Né?

MARIA DIVA MAXAKALI: Uhum.

MARCO TÚLIO: Porque eles não sabem.

MARIA DIVA MAXAKALI: É. Ano passado aí que ocê ligou falando Marco Túlio negócio da história, eu pensei que aqueles que veio um dia, né? Aí a gente fala a história, levei os lugar,



mostrei pra eles onde que era lugar de casa, que era que ficava a polícia. Aí mostrei onde que era as, que pediu pra mostrar e foi filmando, mas foi no ano passado!

MARCO TÚLIO: Uhum.

MARIA DIVA MAXAKALI: A mesma coisa, só que fez filmagem e tudo, mas já tava com tudo escrito, só tava fazendo pergunta. Aí eu fiquei confirmando.

MARCO TÚLIO: Não, não. Mas esse eu nem sei quem é, não. O nosso é outra coisa.

MARIA DIVA MAXAKALI: Deve ser outro, né?

MARCO TÚLIO: É, com certeza. Mas eu agradeço muito a senhora, viu?